

# Sexto Ano Carioca: uma proposta educacional inovadora nos anos finais

## Sixth Grade Carioca: na innovative educational proposal in the final years

Claudete de Lima Chafin<sup>1</sup>

1 0000-0001-8135-3227, Centro Universitário Carioca, chafin602@gmail.com

### RESUMO

O assunto presente nesse relato surgiu durante a escrita da dissertação no curso de mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário Carioca e retrata a experiência vivida por uma professora dentro de um projeto educacional elaborado e aplicado pela prefeitura do Rio de Janeiro, em turmas de sexto ano. A falta de maturidade na transição de um segmento para o outro, aliado ao baixo desempenho em avaliações, que ocasionaram em altos índices de reprovações, foram os fatores que mobilizaram a criação desse projeto. Fundamenta-se como aporte teórico para essa escrita: Costa (2021), Rosa e Gonçalves (2022), Brito (2016), Koslinski e Carvalho (2015) e Neiva (2020). A metodologia utilizada foi observação participativa, análise dos resultados, numa perspectiva de pesquisa exploratória. Nesse sentido, apresentaremos os resultados alcançados e o modelo de aulas aplicado, concentrado em um único professor, denominado generalista, que tinha como função ensinar e estimular a aprendizagem de várias disciplinas com o objetivo de recuperar o desempenho escolar.

**Palavras-chave:** Educação; Inovação; Projeto; Aprendizagem.

### ABSTRACT

The subject present in this experience report arose during the writing of the dissertation in the master's course in New Digital Technologies in Education of the Centro Universitário Carioca. It portrays an educational project developed and applied by the city of Rio de Janeiro, in sixth-grade classes. The transition phase from one segment to the other, that is, initial years (fundamental I) to the final years (fundamental II), combined with the lack of maturity and low performance in evaluations, which led to high rates of failure, were the factors that mobilized the creation of this project. In this sense, we will present the applied class model, concentrated in a single teacher, called generalist, whose function was to teach and stimulate the learning of various disciplines with the objective of recovering school performance. We will present the results and how the project has worked, contributing to the performance of students, including in the maturity process.

**Keywords:** Education; Innovation; Project; Apprenticeship.

## 1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência consiste na temática: Sexto Ano Carioca, uma proposta educacional inovadora nos anos finais. O objetivo desse trabalho é apresentar a metodologia de ensino desenvolvida em 2011, quando iniciava o projeto em caráter experimental, hoje, completamente consolidada e que vem sendo aplicada pela prefeitura do Rio de Janeiro para as turmas de sexto ano dos anos

finais (fundamental II). A prática docente nessa proposta acontece de maneira interdisciplinar com as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Ciências e Geografia, ministradas por um único professor em sala de aula.

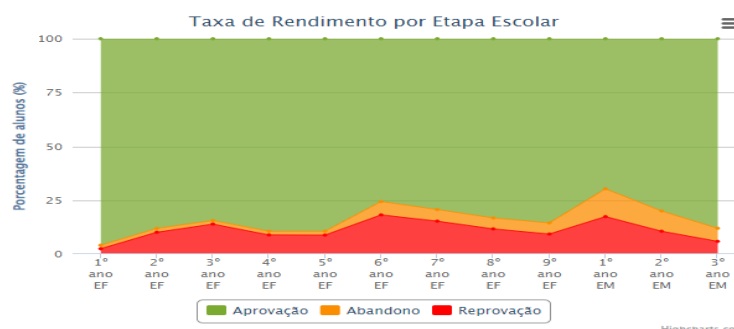
Para elaborar esse relato de experiência vivido pela autora, foi utilizada a metodologia de observação participativa, análise dos resultados, numa perspectiva de pesquisa exploratória e apresenta como aporte teórico, Costa (2021), Rosa e Gonçalves (2022), Brito (2016), Koslinski e Carvalho (2015) e Neiva (2020).

O projeto Sexto Ano Carioca passou a ser o carro chefe de um grupo de ações educacionais da prefeitura, o qual o objetivo principal era preparar o aluno em seu processo de maturidade, e ao mesmo tempo, melhorar o desempenho dos alunos e a qualidade de ensino da maior rede da América Latina.

Da Rosa e Gonçalves (2022) explicam que o índice de desempenho tinha como base os dados obtidos no Censo Escolar e nas avaliações de matemática e língua portuguesa, criadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, conhecido como INEP.

Ao analisar o gráfico 1 com dados do site do INEP, do ano de 2010, percebemos os índices de abandonos e reprovações compreendidos entre o ensino fundamental I e o Ensino Médio. Percebemos que o sexto ano é a série com a taxa mais alta em abandono e reprovações, comparando com as séries anteriores do ensino fundamental I. Situação bem parecida ao compararmos com o primeiro ano do ensino médio, que apresenta também um alto índice de reprovações.

Gráfico 1: Índice de reprovações nos anos finais e ensino médio



Fonte: SITE DO INEP, 2023

Costa (2021, p.26) destaca que a entrada nos anos finais “é um momento muito delicado para o adolescente.” A Secretaria Municipal de Educação, acredita que o número expressivo de reprovações no sexto ano, ocorria em decorrência da transição do ensino fundamental I para o II, período de transformações físicas entre os 11 e 12 anos e psicológicas, geradas com a mudança imposta pela nova rotina escolar.

Entre o quinto e sexto ano, os alunos atravessam um período considerado um divisor de águas estudantil. Costa (2021) ainda define algumas justificativas para o desempenho ruim dos alunos no sexto ano, pois eles saem de uma unidade escolar onde são os alunos mais velhos daquela escola e passam a ser os mais novos em outra, sendo necessário a criação de novos laços afetivos e de amizade. No município do Rio de Janeiro, somente 443 Unidades Escolares oferecem dois ou mais segmentos ao mesmo tempo (PREFEITURA DO RIO, 2022).

Somado a isso, os alunos perdem o costume dos anos iniciais, de ter aula com uma única professora generalista e três professores especialistas (Artes, Inglês e Educação Física) e passam a conviver nos anos finais, com oito ou mais professores, especialistas de cada disciplina.

Neiva (2020) afirma que a Secretaria Municipal de Educação criou o projeto Sexto Ano Experimental, com o objetivo de ser a série que prepara o aluno para enfrentar o segundo segmento e todas as novidades que formam o novo ciclo. Além

Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 4, p. 1-14, 2023.  
<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v4i1.7901>

disso, buscava com o apoio da afetividade, elevar o desempenho dos alunos nas avaliações conseqüentemente, diminuindo assim o nível de reprovações.

Para reforçar essa ideia, Giongo (2022, p. 27) tem um estudo onde explica sobre a importância de se criar e fazer intervenção com estratégias de aprendizagem apropriadas para guiar a jornada de aprendizagem dos alunos, inserindo a afetividade como busca de resultados. A autora diz que “é na escola que a criança se relaciona emocionalmente com os colegas e professores em sala de aula”.

Diante disso, apresentaremos a relevância da criação desse projeto, os resultados obtidos por parte dos alunos e a situação atual dentro da rede municipal.

## **2. MÉTODO**

A ideia sobre o tema abordado nesse relato de experiência surgiu durante a escrita da dissertação de mestrado em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário Carioca, onde desenvolvíamos uma pesquisa sobre o material específico de Língua Portuguesa fornecido pela prefeitura e que é utilizado pelos alunos em sala de aula. Tomamos como sujeitos participantes os alunos que estavam no sexto ano de uma unidade escolar da zona oeste do Rio de Janeiro.

Com o desenrolar da pesquisa e durante a observação participativa, pude perceber que a rede municipal conta com dois tipos de turmas de sexto ano: as turmas regulares com oito ou mais professores e as turmas do projeto carioca, com um único professor generalista que leciona cinco disciplinas (língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências) e três professores especialistas para as disciplinas de educação física, artes e inglês. A partir dessa descoberta, surgiu a necessidade de um estudo mais aprofundado para entender a questão, até porque

durante a coleta de dados para a dissertação vivenciei essa experiência ao atuar como generalista no projeto sexto ano carioca.

A proposta pedagógica presente no projeto, desde o início e até hoje, contemplou poucas escolas e manteve-se apenas nas unidades de anos iniciais. O modelo adotado seria o mesmo utilizado para as turmas dos anos iniciais, do primeiro ao quinto ano, contendo um professor generalista para ensinar as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia e mais três professores especialistas, para ensinar Artes, Educação Física e Inglês.

Brito (2016) explica que o projeto não foi extensivo para todas as turmas de sexto ano da rede, fazendo a secretaria municipal de educação manter as turmas de sexto ano regular, presentes em grande parte das unidades escolares de anos finais.

Em relação às ordens sobre como deveria ser desenvolvido o trabalho no projeto sexto ano, incluindo questões internas, escolhas de alunos, docentes atuantes e participantes, apenas as escolas contempladas recebiam as informações necessárias. No início era um trabalho bem discreto, minucioso e que apresentava uma certa preocupação para que não espalhassem dados por toda a rede, antes de sua consolidação enquanto projeto.

Koslinski e Carvalho (2015), explicam que a escolha dos alunos participantes do projeto era condicionada à situação socioeconômica deles, local de moradia que deveria ser perto da unidade de atuação e a trajetória escolar. Sendo assim, as unidades escolares que apresentavam mais turmas de quinto ano do que de sexto ano seguiam uma ordem de prioridades a serem respeitadas para que o aluno tivesse o direito de permanecer na escola e conseqüentemente no projeto.

Costa (2021) relata que era evidente a necessidade de formar turmas sem distorção de idade e série, buscando sempre aquele grupo próximo do que era considerado ideal: ter irmãos estudando na mesma escola, não ser repetente em nenhuma série anterior e ter até 12 anos completos no ano da sexta série. As turmas não contavam também com alunos com necessidades especiais. Os alunos não contemplados eram transferidos para outras Unidades Escolares com sexto ano regular.

Em relação aos professores, Costa (2021) exalta que as unidades escolares que receberam o projeto tinham autonomia para escolher os docentes participantes. A única exigência era de que os professores possuísem graduação em Pedagogia ou em qualquer disciplina específica. Em sua pesquisa, a autora coletou depoimentos de professores que explicaram melhor essa situação:

Em 2019, Rafaella assumiu sua matrícula na prefeitura logo com a turma do 6º ano, foi a última a chegar em sua unidade escolar, coube a ela a turma que estava sem professor. Nina, chegou ao 6º ano seguindo uma turma desde o 3º. Apesar da turma ser difícil, conta que estabeleceu um vínculo muito forte com os alunos, que a cada ano que passava, eles pediam para que ela os acompanhasse no ano seguinte. Luísa recebeu diretamente da direção o convite para ingressar no projeto. Ela afirma que os professores na época foram muito resistentes a participar e como ela estava em dupla regência na escola, não teve como recusar o pedido. Já Margarida conta que tinha tido uma experiência negativa com crianças do 1º ano, então foi designada a trabalhar com o 6º ano, pois em sua realidade escolar quem determina a turma na qual o professor irá lecionar é a direção, não havendo espaço para negociações. (COSTA, 2021, p.28/29)

Neiva (2020, p.48) explica que os regentes também precisavam participar de capacitações oferecidas nas Coordenadorias ou na própria prefeitura. Existiam capacitações também para coordenadores e gestores, a fim de explicar sobre índices a serem alcançados, metas e avaliações pretendidas pela secretaria municipal de educação. As capacitações para os professores generalistas aconteciam sempre as quartas-feiras, único dia que esses docentes saíam de turma para cumprir seu planejamento. Em seu lugar, as turmas eram atendidas pelos

professores especialistas em Artes, inglês e Educação Física. E essa organização continua assim até os dias de hoje.

Durante os encontros nas capacitações, os assuntos abordados eram variados: ideias, dicas e retiradas de dúvidas que facilitassem a didática dos professores em sala de aula e o estreitamento de laços com os conteúdos do sexto ano. Rodas de conversas sobre avaliações, nível e desempenho dos alunos após aplicação de provas e repercussão e análise do projeto perante a secretaria municipal de educação.

Em relação a parte pedagógica para trabalhar com os alunos os professores contavam com o material de apoio enviado para todas as escolas, ou seja, sexto ano experimental ou sexto ano regular. Esse material é chamado de livro Carioca ou Material Rio educa. É um material elaborado por um grupo escolhido pela prefeitura e que também são professores da rede de ensino.

Esse grupo tinha como função unificar as atividades de ensino e aprendizagem dos alunos através das habilidades que culminavam nas provas internas da rede, uma vez que essas provas eram feitas em cima dos conteúdos presentes no material didático.

Spindola (2014, p.64) afirma que as provas de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências surgiram na rede no ano de 2009 e eram aplicadas do segundo ao nono ano do ensino fundamental. Segundo a autora, “os formuladores dos cadernos pedagógicos dessas disciplinas são os mesmos das avaliações bimestrais.”

A proposta presente é interdisciplinar, onde permite ao aluno elaborar uma visão mais ampla a respeito dos conteúdos estudados. Na figura 1, podemos verificar o modelo:

Figura 1: Capa do Livro Carioca



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2022.

O livro tem duas versões: impressa e on-line. A forma impressa, a escola recebe semestralmente com todos os conteúdos que precisam ser trabalhados pelo professor generalista. A versão on-line fica disponível no site Rioeduca, de domínio da prefeitura do Rio de Janeiro.

Foi a partir do uso desse material que me deparei com o projeto sexto ano carioca. Atuando como professora generalista, durante cinco dias em uma turma de sexto ano, foi possível perceber as inquietações e dificuldades dos alunos presentes nas aulas, ao mesmo tempo o conforto de estar dando continuidade a um modelo de estrutura que já fazia parte da vida deles desde os anos iniciais e como é difícil por parte do professor iniciante como generalista, administrar o tempo e o fechamento de lacunas que aparecem no decorrer da prática. Pontuarei melhor sobre essas questões no próximo tópico.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**



Durante os cinco dias de atuação como professor generalista, foi proposto a execução de tarefas, divididas em: História e Geografia (segunda), Ciências (terça), Matemática (quarta) e Língua Portuguesa (quinta e sexta). Essa última, dispondo de dois dias, por ser a disciplina analisada na pesquisa da dissertação como um todo.

Nesse primeiro momento, o principal ponto era entender o funcionamento e o objetivo do projeto sexto ano, tão peculiar e específico. Vasconcelos (2011, p.02) explica que “o trabalho de projeto contribui para que as aprendizagens tenham um significado, sejam portadoras de sentido, envolvendo as crianças (ou os adultos) na resolução de problemas reais ou na busca de respostas desconhecidas.”

Diante disso, o processo correu como uma semana de aula normal, com tarefas diversificadas, intervalos, uso de todos os tipos de materiais, troca de espaços dentro da unidade, como o uso da sala de informática, aulas extras com professores especialistas etc. Minha preocupação e cuidado era que os alunos não sentissem a mudança de professora generalista.

Uma das dificuldades apresentadas na minha prática foi administrar o tempo de execução de cada disciplina, que é muito corrido, pois por muitas vezes, essa dificuldade aumentava durante o repasse dos conteúdos, pois os exercícios presentes principalmente no Livro Carioca são muito complexos, o que demandava a necessidade de um especialista na disciplina.

Tardif e Raymond (2000), exaltam que mesmo que o professor tenha conhecimentos teóricos, em um campo de atuação novo, ele precisa estar inserido com a prática, para que esse trabalhador crie intimidade e consiga assimilar progressivamente os saberes necessários, entre eles a administração do tempo para realizar as suas tarefas.

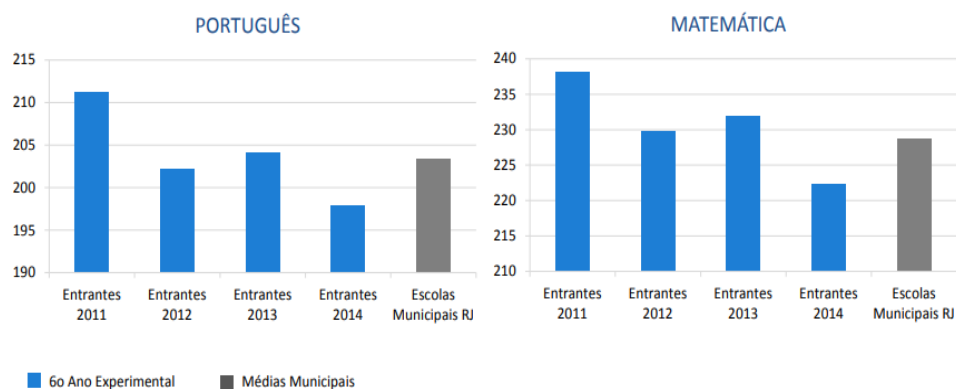
O professor generalista geralmente é formado em Pedagogia ou alguma disciplina específica. No meu caso, a formação é Pedagogia e em alguns momentos precisei recorrer a um colega especialista para ajudar em algum conteúdo. Afinal, um professor que estuda quatro anos uma determinada disciplina, seja História, Geografia, matemática ou qualquer outra, tem mais condições de desdobrar conteúdos mais abrangentes.

O trabalho realizado tendo como norteador o material específico da rede, atrelado as provas bimestrais, requer um ritmo de organização que não comprometa os bimestres. Percebi que ter um material disponível para iniciar a trajetória de estudo no sexto ano, facilita a didática do professor e ao mesmo tempo completa o planejamento, que é flexível, melhorando o desempenho dos alunos nas avaliações.

Quanto ao processo de maturidade dos alunos, foi possível perceber que o aluno que faz parte do projeto sexto ano, tem seu ritmo de amadurecimento respeitado de maneira que pode acontecer sem causar maiores traumas. O fato de continuar estudando com um único professor no início dos anos finais, também contribui para esse fator.

Santos et al (2017) exaltam esses fatores e apresentam resultados de impacto positivo do projeto sexto ano. No gráfico 1, podemos perceber em números o desempenho dos alunos quando foram testados em avaliações da Prova Brasil.

Gráfico 1: Índice de desempenho na Prova Brasil.



Fonte: Site da Fundação LEMANN, 2023.

Dentro da perspectiva apresentada, verifica-se que a proposta pedagógica desenvolvida pela prefeitura do Rio de Janeiro para os alunos que entram no sexto ano, contribui significativamente para a melhoria de ensino dos alunos que estão em processo de transição para o novo segmento, isto é, os anos finais.

No gráfico 2, Santos et al (2017) também apresentam resultados positivos e superiores ao compararem o desempenho de alunos do projeto com alunos que estão matriculados em turmas de sexto ano regular, quando são testados em provas internas elaboradas pela rede municipal.

Gráfico 2: Índice de desempenho em avaliações da SME em 2018.

		MATEMÁTICA	PORTUGUÊS	CIÊNCIAS	REDAÇÃO
1º BIMESTRE	6º ANO EXPERIMENTAL	8.1	8.5	6.9	6.9
	6º ANO REDE	6.9	7.6	5.1	5.2
2º BIMESTRE	6º ANO EXPERIMENTAL	7.8	8	7.4	7.3
	6º ANO REDE	6.2	6.9	5.4	5.9
3º BIMESTRE	6º ANO EXPERIMENTAL	7.4	7.1	7	7.2
	6º ANO REDE	5.7	5.7	5.2	5.6
4º BIMESTRE	6º ANO EXPERIMENTAL	7.1	8.6	7.6	7.5
	6º ANO REDE	4.8	7.5	5.6	5.8

Fonte: Site da Fundação LEMANN, 2023.

Com isso, percebemos que o projeto sexto ano carioca, desde 2011, tem apresentado resultados positivos na construção e avaliação de saberes em todos os contextos e momentos em que os alunos estão inseridos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção do projeto sexto ano carioca, foi possível perceber a importância do professor como mediador em uma fase considerada delicada e de transformações na vida do educando.

Geralmente, atribuímos essa responsabilidade apenas ao grupo familiar em que a criança está inserida, porém, percebemos que a escola tem um papel fundamental nesse processo, principalmente quando o aluno faz uma transição para um novo segmento.

O olhar da prefeitura do Rio de Janeiro sobre essas questões, vem contribuindo para um desempenho positivo e crescente no aprendizado dos alunos, a partir do momento que ingressam no projeto sexto ano, isto é, um diferencial em relação a tudo o que já se viu de inovador no mundo pedagógico.

#### 5. REFERÊNCIAS

BRITO, Karina Lima. **Os desdobramentos da substituição tecnológica no município do Rio de Janeiro**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/10709> Acesso em 28 de julho de 2023.

COSTA, Talita de Oliveira. **Ensino de História e Interdisciplinariedade no 6º ano Carioca do Município do Rio de Janeiro**, PUC, 2021, disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/53234/53234.PDF>, Acesso em 02 de agosto de 2023.

DA ROSA, Isaac Gabriel Gayer Fialho; GONÇALVES, Elton Simões. **A espacialidade das políticas públicas em educação: o caso do projeto escolas do amanhã na rede municipal do rio de janeiro-RJ**. Revista Signos Geográficos, v. 4, p. 14 e 20, 2022, disponível em: [Texto+EI+versão+final \(8\).pdf](#), Acesso em 11 de julho de 2023.

Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 4, p. 1-14, 2023.  
<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v4i1.7901>

GIONGO, Isabela. A **relação entre professor-aluno e a importância da afetividade**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro, 2022., disponível em [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/216533/giongo\\_if\\_tcc\\_rcla.pdf?sequence=4](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/216533/giongo_if_tcc_rcla.pdf?sequence=4), Acesso em 23 de julho de 2023.

KOSLINSKI, Mariane Campelo; CARVALHO, Julia Tavares de. Escolha, seleção e segregação nas escolas municipais do Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, p. 4, 2015, disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/N7NgvTwV9CbCRyGsRcMfWSy/?format=pdf&lang=pt>, Acesso em: 20 de julho de 2023.

INEP, **Índice de reprovações nos anos finais e ensino médio**, 2010, disponível em [Taxas de Rendimento \(2010\) \(qedu.org.br\)](https://www.inep.gov.br/indicadores/indicador-de-reprova%C3%A7%C3%B5es-nos-anos-finais-e-ensino-m%C3%A9dio), acesso em 15 de fevereiro de 2022a.

NEIVA, Caroline Oliveira. **O ensino de História no contexto do sexto ano experimental**, 2020, UNIRIO, disponível em: <http://www.unirio.br/profhistoria/producao-academica/2020/o-ensino-de-historia-no-contexto-do-6deg-ano-experimental-entre-discursos-e-experiencias-docentes/view>Acesso em 18 de julho de 2023.

PREFEITURA DO RIO. **Distribuição das UES por tipo de atendimento**, disponível em <http://webapp.sme.rio.rj.gov.br/jcartela/publico/pesquisa.do?cmd=listCres>, Acesso em 02 de fevereiro de 2023.

SANTOS, Daniel Domingues dos et al. Mais é menos? O impacto do Projeto 6º Ano Experimental-SME/RJ. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 28, n. 69, p. 718-747, 2017, disponível em <https://fundacaolemann.org.br/storage/materials/iq7lkS7U1UdI0dPlgrBsPH39FzRi8ZLqxAZ1Yr5X.pdf>, Acesso em 31 de agosto de 2023.

SPINDOLA, Luisa da Silva **Kaufman**. **O contexto da produção do texto: a atuação dos professores formuladores dos cadernos pedagógicos de história da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro**. PUC-Rio, 2014. 207f., Dissertação de Mestrado, disponível em <https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/10388#preview-link0>, Acesso em 27 de julho de 2023.

VASCONCELOS, Teresa et al. Trabalho por projectos na educação de infância: mapear aprendizagens, integrar metodologias. 2011, disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/2679>, Acesso em: 12 de julho de 2023.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & sociedade**, v. 21, p. 209-244, 2000, disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/Ks666mx7qLpbLThJQmXL7CB/>, Acesso em 23 de julho de 2023.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Claudete de Lima Chafin.** Mestranda em Novas Tecnologias Digitais na Unicarioca. Licenciada em História na UGF e Pedagogia no ISERJ. Especialista em História do Brasil pela UCAM e em Psicopedagogia clínica pela Estácio de Sá. Atua como professora das séries iniciais e da EJA na SME-RJ.

## **PARA CITAR ESTE ARTIGO:**

CHAFIN, Claudete de Lima. SEXTO ANO CARIOCA: UMA PROPOSTA EDUCACIONAL INOVADORA NOS ANOS FINAIS. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 4, p. 1-14, 2023.

**Submetido em:** 10/08/2023

**Revisões requeridas em:** 30/08/2023

**Aprovado em:** 03/10/2023